

Memórias manifestadas no vestuário cotidiano: cultura material, restos e heranças

Glauber Soares Junior
Professor/Universidade Federal de Viçosa
<https://orcid.org/0000-0001-9902-9740>
glaubersoares196@hotmail.com

Fabiano Eloy Atílio Batista
Professor/Universidade Federal de Viçosa
<https://orcid.org/0000-0001-7067-560X>
fabiano_jfmg@hotmail.com

Claudia Schemes
Professora/Universidade Feevale
<https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>
claudias@feevale.br

Ao propor este dossiê, tivemos o intuito de urdir reflexões que tangenciam as relações complexas entre o vestuário (e as ferramentas utilizadas na sua feitura como as máquinas de costura, teares, agulhas e linhas) e as identidades culturais e individuais vestidas e representadas. Em um momento de aceleração nas mudanças socioeconômicas, é importante discutir o papel dos objetos na constituição de uma memória cultural compartilhada, bem como seu impacto na construção de subjetividades. É por esse prisma que a proposta do dossiê buscou por tramar investigações respaldadas no cotidiano do vestuário (em sua materialidade ou por meio de imagens) como artefatos privilegiados que auxiliam na compreensão de heranças culturais por meio dos seus restos. O vestuário, nessa lógica integra a criação de narrativas histórias que conectam passado e presente.

Neste dossiê, agrupamos dez artigos com múltiplas temáticas e autores de áreas distintas, que com suas perspectivas históricas, antropológicas, comunicacionais e do design, elucidam a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade dos estudos que abordam o vestuário pela ótica da cultura, e sobretudo, da materialidade.

Assim sendo, na primeira seção, dois artigos abordam memórias políticas e patrimônios difíceis, ou seja, são descortinadas tensões locais de memórias associadas a dores, traumas, violências e sofrimento. No primeiro artigo, intitulado *Memória em tramas: o que as roupas carregam sobre a ditadura militar?*, Larissa Gonçalves Medeiros e Diogo Souza Madeira investigam a relação entre materiais têxteis e a memória das ditaduras militares brasileira e argentina por meio dos filmes *A história oficial*, *Todos são meus filhos* e *Ainda estou aqui*. Com esse conjunto fílmico, as autoras consubstanciam como roupas e lenços se tornam objetos de memória que oferecem suporte material ao vazio deixado pelos desaparecidos políticos, transformando-se em símbolos de resistência e afeto. Na sequência, em *A presença da ausência: A biografia da camisa de força no Museu da Loucura*, Lavínia Nunes direciona seu enfoque na trajetória biográfica da camisa de força do Hospital Colônia de Barbacena, onde se investiga a transmutação deste artefato de instrumento de tortura clínica em objeto museológico. A autora mobiliza os conceitos de Patrimônio Difícil e Antropologia dos Restos para discutir porque o objeto, embora central na narrativa de horror da instituição, encontra-se atualmente oculto na reserva técnica, gerando uma tensão entre o silenciamento e a preservação da memória das vítimas.

No segundo ato deste dossiê, quatro artigos fazem articulações entre identidades e gênero em performance. A seção é iniciada por Violeta Casoni e Luciene Dias, que trazem no texto *Performances do vestir: Memórias de corpos que provocam as formas de estar no mundo*, a partir das experiências de mulheres trans e travestis em Goiás, as rupturas da prática de se vestir como um exercício de desarquivo e resistência contra a cisheteronormatividade. A roupa é apresentada como uma ferramenta que tensiona as fronteiras entre o público e o privado, permitindo a construção de contra-memórias e novas possibilidades de existência por meio da performance cotidiana. No segundo artigo, *Corpos que vestem, imagens que ficam: masculinidade, fotografia e herança em três gerações*, através de um exercício autoetnográfico, Fabiano Eloy Atílio Batista analisa fotografias de sua própria família para compreender como a masculinidade é herdada, negociada e transformada ao longo de três gerações. O texto propõe que a indumentária masculina (do terno formal do avô à camiseta informal do autor) funciona como um indicador social e suporte de pós-memória, onde a herança se manifesta mais na imagem do que na materialidade têxtil que não sobreviveu. Já em *Quatro Estações, a tatuagem enquanto indumentária*, Alexandre Greco amplia o conceito de vestuário ao analisar a tatuagem tradicional japonesa (*horimono*) como uma forma de indumentária permanente e irreversível. Com base na biografia cultural do *Calendário Hori-hana 2023*, o estudo demonstra como essas inscrições corporais operam como documentos de memória e agência social, mediando relações e construindo identidades que circulam entre o Japão e o Brasil. Finalizando

este mosaico, Ítalo Dantas, Adson Claudino e Anna Melo Lemos em *Roupas que cantam: figurinos herdados e a materialização da memória no corpo performático, o caso de Juliano Cezar*, analisam figurinos sertanejos como corpos prolongados e extensões do gesto performático, que mantêm viva a presença simbólica do artista através da materialidade herdada pela família. Ao se apropriarem de conceitos da cultura material, da performance e da memória, os autores evidenciam que os figurinos operam como biografias materiais, articulando corpo, identidade cênica e temporalidade.

No terceiro conjunto temático, dois artigos alinhavam discussões que abordam culturas locais, rituais e biografias de objetos, e assim, as temáticas recaem sobre a circulação de artefatos que definem paisagens culturais e tradições comunitárias. Em *A presença dos leques em diferentes espaços culturais e econômicos da cidade de Sevilha/Espanha*, Laiana Silveira e Caroline Dias frisam que o leque (*abanico*) é um artefato que constitui a identidade e a paisagem cotidiana de Sevilha. Através de uma perspectiva da cultura material, as autoras percorrem espaços que vão de museus a comércios turísticos e locais, argumentando que os leques são suportes de memória que conectam o material ao imaterial e o nativo ao estrangeiro. Já em *Entre remendos, marcas do tempo e corpos vestidos: a biografia cultural de um traje três vezes campeão do concurso Rainha das Rosas e Flores de Barbacena, MG*, é reconstruída a biografia cultural de um traje específico que vestiu três diferentes rainhas de beleza ao longo de 17 anos de realização do certame. No texto, Glauber Soares Junior e Claudia Schemes analisam as marcas de uso, as reformas e os remendos no avesso da roupa como vestígios da história barbacenense, evidenciando como a materialidade do vestuário articula experiências individuais e coletivas em torno de uma tradição inventada.

Finalmente, na última trama narrativa deste dossiê, dois manuscritos concentram-se em investigar restos e afetos em articulação com novos mercados. Nessa lógica, o encerramento do dossiê trata da resignificação de objetos descartados ou transformados pelo afeto e pelo mercado de segunda mão. Renata Fratton Noronha e Évora Ferreira em *Um vestido Gucci, feito no Brasil*, possuem como ponto de partida o achado de um vestido Gucci em um brechó de Porto Alegre, revelando a etiqueta Indústria Brasileira. O artigo utiliza esse resto do mercado de luxo para refletir sobre o licenciamento de marcas, a globalização da moda e os critérios de preservação museológica, questionando o valor histórico de peças cotidianas que testemunham modos de vida e trajetórias de consumo quase esquecidas. Para concluir, Daniel Keller e Daniel Néres, no artigo *Cultura material e memória multiespécie: práticas contemporâneas de adorno e herança afetiva*, transmutam a tendência contemporânea de transformar restos corporais de animais de estimação (cinzas, pelos, dentes) em joias e diamantes memoriais. Os autores argumentam que

esses adornos multiespécies funcionam como arquivos vivos e suportes de uma presença portátil, reconfigurando as noções de luto, herança e parentesco em um mercado que converte a ausência em um gesto estético e relacional.

Em linhas gerais, acredita-se que este dossiê, ao entrelaçar textos que exploram as roupas, a indumentária os trajes e seus acessórios pelo prisma de cultura, memória e identidade materializada, propiciou que o vestuário cotidiano fosse tratado como uma forma de arquivo e herança cultural, em diálogo com um campo de investigação cada vez mais efervescente, que compreende tais artefatos como suporte de memória, experiência e patrimônio cultural. Por conseguinte, o vestuário cotidiano, considerado por vezes trivial, é, na verdade, assimilado como um portal para entender a complexidade das relações sociais, dos movimentos históricos e das construções e representações de identidade no mundo contemporâneo.